



Existência feminina como imanência: a relação entre liberdade, alteridade e opressão em Simone de Beauvoir

*Danielli Isadora Pereira de Lima**

Resumo: A partir da noção da alteridade absoluta como condutora fundamental da existência da mulher no mundo, Simone de Beauvoir analisa a situação feminina sob a perspectiva da moral existencialista, segundo a qual o ser humano coloca-se no mundo concretamente somente através de projetos. A existência encontra seu sentido e sua justificação quando aquele que existe age com vistas à superação do dado, exercendo, portanto, sua liberdade ontológica. Quando contrário, ao negar a liberdade e assumir a passividade da facticidade, o indivíduo incorre em uma falta moral, a imanência. Beauvoir observa um sentido imanente na existência feminina, mas de modo diferente da falta moral. A mulher foi forçada à imanência através da opressão. Este artigo tem por objetivo tratar da situação da mulher no mundo, analisando os conceitos de liberdade e alteridade a fim de traçar de que modo a mulher foi privada do movimento de transcendência e forçada à imanência.

* Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: danielli-lima@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6902-7776>.

Palavras-chave: Liberdade, Alteridade, Imanência, Feminismo.

Female existence as immanence: the relation between freedom, otherness and oppression in Simone de Beauvoir

Abstract: Based on the notion of absolute otherness as a fundamental conductor of the existence of women in the world, Simone de Beauvoir analyzes the female situation from the perspective of existentialist morality, according to which the human being places themselves in the world concretely only through projects. Existence finds its meaning and its justification when the one who exists acts in order to overcome what is given, exercising, therefore, their ontological freedom. Contrariwise, by denying freedom and assuming the passivity of facticity, the individual incurs a moral failure, immanence. Beauvoir notes an immanent meaning in female existence, but in a different way from moral failure. Women were forced into immanence through oppression. This article aims to address the situation of women in the world, analyzing the concepts of freedom and otherness in order to outline how women have been deprived of the movement of transcendence and forced into immanence.

Keywords: Freedom, Otherness, Immanence, Feminism.

1. Introdução

No ensaio *O Segundo Sexo* (1949), Simone de Beauvoir reflete acerca do que é a mulher e, sobretudo, acerca de sua situação. Essas são as questões basilares sobre as quais se desenvolve toda sua obra magna. Chegar a uma conclusão sobre o tema parece, de fato, algo complexo, até mesmo impossível de ser feito. Não porque há na fêmea humana adulta uma complexidade metafísica ou que ela seja a personificação do mito da ambivalência enquanto característica intrínseca ao sexo feminino¹, mas porque em sua existência há elementos artificialmente alocados para construir o existente

¹ Beauvoir argumenta que, culturalmente, a mulher é considerada Tudo. Através de um paradoxo de valores antagônicos, a mulher é definida como o que há de mais puro na Terra e, simultaneamente, é o que há de mais vil: “Eis, portanto, porque a mulher tem um duplo e decepcionante aspecto: ela é tudo a que o homem aspira e tudo o que não alcança. Ela é a sábia mediadora entre a Natureza propícia e o homem: é a tentação da Natureza indomada contra toda sabedoria. Do bem ao mal, ela encarna carnalmente todos os valores morais e seus contrários; é a substância da ação e o que se lhe opõe, o domínio do homem sobre o mundo e seu malogro; como tal, é a fonte de toda reflexão do homem sobre a própria existência e de toda expressão que possa dar-lhe; entretanto, ela se esforça por desviá-lo de si mesmo, por fazê-lo soçobrar no silêncio e na morte. Serva e companheira, ele espera que ela seja também seu público e juiz, que ela o confirme em seu ser; mas ela contesta-o com sua indiferença, e até com seus sarcasmos e risos. Ele projeta nela o que deseja e o que teme, o que ama e o que detesta. E se é tão difícil dizer algo a respeito é porque o homem se procura inteiramente nela e ela é Tudo. Só que ela é Tudo à maneira do inessencial: é todo o Outro. Enquanto outro, ela é também outra e não ela mesma, outra e não o que dela é esperado. Sendo tudo, ela nunca é isso justamente que deveria ser; ela é perpétua decepção, a própria decepção da existência que não consegue nunca se atingir nem se reconciliar com a totalidade dos existentes.” (BEAUVOIR, 2016a, p. 266-267)

denominado mulher. Sendo assim, a estrutura da situação da mulher no mundo se mostra especialmente fabricada.

Ao falar da existência feminina, Beauvoir não quer dizer que todas as mulheres existam da mesma forma ou que haja uma essência feminina que as unifique como um bloco sólido². Pelo contrário, longe do essencialismo biológico e do conceitualismo, Beauvoir considera que na categoria mulher há um fundo comum (BEAUVOIR, 2016a, p. 7), inatural – a própria opressão, a partir do qual são conduzidas as existências individuais de cada mulher no mundo, isto é, a situação feminina é estabelecida na realidade concreta, e é a partir da subjetividade dessa que análises devem ser feitas.

Uma análise a partir da concretude da situação da mulher significa, sobretudo, considerar sob quais condições se apresenta seu ser-no-mundo. Concordamos com Johanson (2018, p. 241) quando essa diz que a marca da fenomenologia de Beauvoir, e um dos maiores méritos de todo o seu sistema filosófico, é precisar a

² “A existência é uma através da separação dos existentes; ela manifesta-se em organismos análogos; haverá, portanto, constantes na ligação do ontológico ao sexual. Em dada época, as técnicas, a estrutura econômica e social de uma coletividade descobre, a todos os seus membros, um mundo idêntico: haverá também uma relação constante da sexualidade com as formas sociais; indivíduos análogos, colocados em condições análogas, perceberão no dado significações análogas; essa analogia não cria uma universalidade rigorosa, mas permite encontrar tipos gerais nas histórias individuais” (BEAUVOIR, 2016a, p. 76).

profunda diferença entre a presença no mundo da mulher e a do homem. Se antes fora considerada a existência de um ser abstrato enquanto presença universal, Beauvoir afirma que o modo como mulheres e homens experenciam o mundo e como nele existem se difere radicalmente, isto é, cada um dos sexos é uma existência situada a partir de seus corpos.

A fim de que compreendamos, portanto, a posição e o ser da mulher no mundo, Beauvoir descreve a situação feminina através de diferentes perspectivas, a saber, da biologia, do materialismo histórico, da psicanálise, bem como analisa a história no que tange ao desenvolvimento feminino até a modernidade. As descrições e análises dessas perspectivas nos guiam à conclusão de que nenhuma dessas áreas do conhecimento por si só é suficiente para descobrir a mulher, mas contribuem para uma perspectiva global da existência feminina (BEAUVOIR, 2016a, p. 91).

Para nós, a mulher define-se como ser humano em busca de valores no seio de um mundo de valores, mundo cuja estrutura econômica e social é indispensável conhecer; nós a estudamos numa perspectiva existencial através de sua situação total. (BEAUVOIR, 2016, p. 81)

Já que fatores isolados não são suficientes para descobrir a mulher, compreendemos que uma melhor compreensão do ser-no-mundo da mulher se atinge pela fusão das dimensões humanas; sobrepuja-se, entretanto, o fator social. A perspectiva global, ou

“situação total” nas palavras de Beauvoir, mostra-se importante na medida em que tanto a mulher enquanto ideia quanto sua situação de opressão foram resultados de uma construção produzida pela sociedade através da cultura.

A opressão infligida à mulher, por ela vivenciada diariamente e ao longo dos tempos, foi fator constituinte e transformador de sua existência. Por ser na realidade vivida que se torna presença distinta no mundo quando comparada a do homem, a mulher se encontra em uma situação que denota uma consequência penosa em sentido existencial: a imposição da imanência e o afastamento da transcendência. As noções de imanência e transcendência são muito caras à obra da filósofa, somente com elas podemos perceber as consequências da estratificação da mulher como o Outro, o segundo sexo.

Entendemos a imanência no sentido beauvoiriano como aquilo que permanece o mesmo, que não se movimenta, e a transcendência como movimento em direção a algo, mais especificamente à superação do que é dado. Ambos os aspectos coexistem no ser humano; e é a partir do primeiro que o segundo se torna possível (BEAUVOIR, 2005, p. 15). Afinal, é somente pela interioridade que a exterioridade pode vir a ser³.

³ Desse modo, “é do conhecimento das condições autênticas de nossa vida que é preciso tirar a força de viver e razões para agir” (BEAUVOIR, 2005, p. 15).

Beauvoir valora a transcendência como o exercício da liberdade. Somente ao fundar-se por meio de projetos, ao engajar-se no mundo como presença concreta ativa, que o ser humano dá sentido à existência e transcende sua posição de repouso. É o ser enquanto transcendência que, em conjunto com os demais seres concretos, cria os valores do mundo, já que não há nada antes da existência que prescreva códigos morais. Compreendemos, portanto, que transcendência é o movimento de ação espontânea intencional. Não obstante, quando não se movimenta em direção à construção de si mesmo e do mundo através de projetos, nega a liberdade.

Se não há essência para guiar o caminho moral do ser humano, se é ele mesmo quem se faz através da ação espontânea, e sendo a mulher parte da espécie humana, logo não há nada que defina a priori a mulher. É por meio desse raciocínio que Beauvoir diz que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2016b, p. 11). Contrariamente à ideia de um destino, é na realidade do mundo histórico-social que se encontram as definições artificiais a partir das quais se moldará a mulher. Dessa forma, a liberdade para criar a si mesmo enquanto sujeito moral não funciona do mesmo modo para todos, pois ela é contingência, há situações em que não é possível agir visando a criação de si. Para Beauvoir, tudo o que fora considerado natural, constitutivo do próprio conceito de mulher, é

verdadeiramente reconhecido como produto de uma situação opressiva.

Desse modo, a negação da liberdade da mulher acontece como um processo importante de opressão, iniciado ainda na infância. Ensinada a existir a partir de um molde da mulher idealizada no seio da sociedade patriarcal, a criança menina se desenvolve para tornar-se O Outro absoluto, isto é, aquele ser do qual a subjetividade é retirada, de quem toda aspiração à liberdade é impedida. Empurrada para o casamento heterossexual, para as funções da casa e para a maternidade, que é como um destino fisiológico (BEAUVOIR, 2016b, p. 279), aquela que cresce como mulher vê-se encerrada em um mundo que parece não dispor de possibilidades. Uma vez aceito o seu “destino”, o que há para ela é uma repetição de ações cotidianas que foge ao tempo.

Isso posto, neste trabalho, queremos investigar a estrutura beauvoiriana sobre a situação da mulher no mundo. Inicialmente, pretende-se tratar da liberdade e por que Beauvoir a define como a justificação e o sentido da existência. Desse modo, a partir das noções de situação, alteridade, imanência e transcendência, discorre-se acerca do processo de negação da liberdade feminina.

2. Liberdade

A liberdade, no contexto beauvoiriano, pode ser entendida de duas formas, complementares entre si. Ela é condição constitutiva do

ser humano, isto é, nascemos livres, bem como, em seu sentido concreto, a liberdade é realizada no mundo. A noção de liberdade no contexto existencialista é importante uma vez que Beauvoir se utiliza dela para desenvolver o entendimento de que a existência feminina se revela como imanente. Sendo o existencialismo de Beauvoir, portanto, uma filosofia da ação, a liberdade concreta se constitui como engajamento, isto é, é na ação espontânea que o ser humano se constrói. Ser livre significa fazer-se presença no mundo através de projetos próprios, estes criados intencionalmente e afirmados incessantemente durante a vida. O ser humano deve querer desvelar a si mesmo e nunca parar de fazê-lo, pois “meu projeto jamais é fundado, ele se funda” (BEAUVOIR, 2005, p. 27), resultando, portanto, em um encadeamento de ações com vistas à superação do estado anterior.

Se abandono atrás de mim um ato que realizei, ao cair no passado ele se torna coisa, não é mais nada senão um fato estúpido e opaco; para impedir essa metamorfose, é preciso que eu incessantemente o retome e o justifique na unidade do projeto em que estou engajado; fundar o movimento de minha transcendência exige que eu jamais o deixe recair inutilmente sobre si próprio, que eu o prolongue indefinidamente. (BEAUVOIR, 2005, p. 28)

Vemos que objetivamente um projeto constitui-se de fragmentos ratificados ao longo do tempo, que formam, por fim, uma unidade – o projeto em si. Compreendemos, portanto, a

liberdade beauvoiriana como ação de afirmação da vontade em direção a um futuro aberto, sendo, portanto, transcendência.

A espontaneidade da ação aparece como contingência. Para ser autêntica, portanto, a ação não deve ser um simples movimento, não pode somente se direcionar a algo ou a qualquer coisa, mas para ser ação transcendente, precisa ser fruto de escolha intencional de transcendência. Um indivíduo não pode ter a intenção de não ser livre, mas por meio de ações sem sentido justificador da existência pode não se querer livre. Sendo assim, Beauvoir distingue dois modos de experienciar a imanência. O primeiro é aquele consentido, em que o sujeito não se quer livre, isto é, não há impedimento social ou econômico algum que o impeça da transcendência, e, no entanto, através “da preguiça, do entorpecimento, do capricho, da covardia, da impaciência” (BEAUVOIR, 2005, p. 27), ele não age; esse é uma falta moral⁴ porque o indivíduo foge da escolha de fundar-se como liberdade autêntica.

O segundo modo de imanência se encontra diante da noção de situação. Diferentemente de uma dicotomia entre livre-arbítrio e determinismo, na qual o primeiro confere total liberdade de escolha ao ser humano e o segundo se refere à relação de causalidade

⁴ Se o ser humano nasce ontologicamente livre pra fazer a si mesmo no mundo, Beauvoir considera que optar pela facticidade em vez da ação autêntica da transcendência é uma falta moral. A falta moral consiste, portanto, no consentimento do sujeito em relação à imanência (BEAUVOIR, 2016a, p. 26).

obrigatória acerca do que é escolhido, a liberdade em Beauvoir se revela em meio a essa ideia de situação. Ao mesmo tempo em que é liberdade autônoma, isto é, faz a si mesmo no mundo e sem constrações prévias ao seu surgimento nele, o indivíduo enfrenta a resistência das outras liberdades, que oferecem um obstáculo à sua própria (JOHANSON, 2018, p. 247). Dessa forma, a liberdade como possibilidade é infinita, mas não radical: algumas situações podem impedir que todos a experienciem da mesma forma, aumentando ou diminuindo as possibilidades de transcendência.

Já indicamos que, no universo da seriedade, alguns adultos podem viver com boa-fé: aqueles a quem é recusado todo o instrumento de evasão, aqueles que são escravizados ou enganados. Quanto menos as circunstâncias econômicas e sociais permitem que um indivíduo aja sobre o mundo, mais esse mundo lhe aparece como dado. (BEAUVOIR, 2005, p. 45)

O universo da seriedade é aquele em que tudo que existe é absoluto e pronto; para alguém com espírito de seriedade, os valores são dados. Sendo assim, para quem se encontra em uma situação como a descrita por Beauvoir, de opressão, a transcendência parece inalcançável; contudo, isso não implica necessariamente em uma má-fé, isto é, a não transcendência não é resultado de uma ação intencional de negação da liberdade. Ao contrário, se o indivíduo não possui meios para escapar da imanência, se nem sequer reconhece a possibilidade de participação na construção do mundo e

de si mesmo, a sua não ação não pode ser descrita como uma consequência da má-fé.

3. Alteridade

A alteridade se configura como uma categoria fundamental do pensamento humano (BEAUVOIR, 2016a, p. 13). Beauvoir reconhece a ideia hegeliana da hostilidade original da consciência, isto é, há uma pretensão da consciência de possuir domínio sobre outras consciências para afirmar-se. Desse modo, para um indivíduo, ou uma coletividade, estabelecer-se, é necessário que pense a si mesmo como Um e, de imediato, crie a categoria do Outro, fundando uma relação sujeito-objeto. Por consequência, as relações humanas não são unicamente um *mitsein*⁵ harmonioso, a consciência humana é imperialista (BEAUVOIR, 2016a, p. 88). Toma-se, portanto, o outro como objeto a fim de afirmar-se como sujeito, sendo essa uma pretensão ética (BEAUVOIR, 2016a, p. 17).

Beauvoir argumenta que sendo natural o movimento de criação da categoria da alteridade, é também recíproco. A alteridade, nesse sentido, não é absoluta, pois enquanto sou Sujeito para o meu mundo, sou objeto no mundo de outrem. Ao olhar do outro, eu sou o que ele é para mim.

⁵ Termo heideggeriano que alude à característica ontológica própria do ser humano de ser-com.

Só que a outra consciência lhe opõe uma pretensão recíproca: em viagem, o nativo percebe com espanto que há, nos países vizinhos, nativos que o encaram, eles também, como estrangeiro; entre aldeias, clãs, nações, classes, há guerras, potlatches, tratados, lutas que tiram o sentido absoluto da ideia do Outro e descobrem-lhe a relatividade; por bem ou por mal os indivíduos e os grupos são obrigados a reconhecer a reciprocidade de suas relações. (BEAUVOIR, 2016a, p. 14)

Essa reciprocidade das relações entre grupos - a pretensão de tomar o outro como objeto enquanto ele faz o mesmo para comigo, em oposição à ideia de uma alteridade absoluta - não parece acontecer entre os sexos. Ao passo que o homem inseriu a mulher na categoria do Outro, à mulher não foi permitido fazer o mesmo movimento a fim de afirmar-se como sujeito.

Para Sara Heinãmaa (2003, p. 126), embora a possibilidade da redução de um ser humano à categoria de objeto seja própria das relações intersubjetivas, o que torna esse fenômeno especialmente problemático no caso da relação entre os sexos é o fato de que o homem tomou a abstração da intencionalidade da mulher como regra. A redução própria das relações intersubjetivas supõe que haja certo tipo de contato entre os corpos, isto é, é necessário perceber através dos olhos um corpo como dotado de compreensão, a fim de, por fim, torná-lo objeto.

Nota-se, portanto, que uma situação de alteridade absoluta não poderia acontecer senão por uma não-espontaneidade, pois, embora

própria da intersubjetividade, a ação de tornar uma pessoa objeto não seria possível para com os seres em sua totalidade ou de certa ordem, já que é fisicamente impossível percebê-los todos de modo corpóreo e simultâneo.

Sobretudo, enquanto grupo ou classe sexual, as mulheres não se uniram a fim de colocar em prática a relação sujeito-objeto. Na visão de Beauvoir, as mulheres foram um dos únicos grupos oprimidos que nunca formaram uma unidade⁶, ao contrário dos negros e dos proletários (grupos que também possuíam mulheres em sua constituição). Essa desarmonia, ou não-unidade, fica evidente quando Beauvoir afirma que as mulheres burguesas não são solidárias às proletárias, mas aos homens burgueses, e as mulheres brancas aos homens brancos, em vez de prestarem solidariedade para com as mulheres negras (BEAUVOIR, 2016a, p. 16).

4. Processo de negação da liberdade

O corpo enquanto instrumento de domínio do mundo (BEAUVOIR, 2016 a, p. 60) tem papel fundamental na situação da mulher. Beauvoir dá bastante importância aos dados biológicos sobre a mulher, isto é, importam porque o corpo sexuado pode ser

⁶ Beauvoir diz que, até então, foram exceções aquelas mulheres que se afirmaram como grupo no que ela chama de manifestações abstratas ou agitações simbólicas, cujo único ganho foi aquele que os homens quiseram conceder.

percebido como fonte da opressão feminina. A partir de um corpo supostamente mais frágil em força, menor em tamanho, subordinado à espécie por suas funções reprodutivas, e, por isso, inferior, são formadas as ideias de eterno feminino, de existência de uma natureza feminina. Desse modo, diferenças naturais entre as estruturas fisiológicas dos corpos biológicos são ressignificadas e colocadas como justificativas para a afirmação de inferioridade da mulher.

Diante de um processo tão culturalmente incrustado, as mulheres se encontram no cerne de uma opressão cujas fontes são falsamente atribuídas à natureza, pois “uma das artimanhas da opressão será camuflar-se em situação natural: já que de fato não poderíamos no revoltar contra a natureza” (BEAUVOIR, 2005, p. 71). Beauvoir demonstra a importância da infância nesse processo de imanência feminina, porque já é nela que se inicia o movimento em direção à passividade e à domesticação da mulher, à imobilidade da imanência, por meio de valores e costumes.

A infelicidade do homem [ser humano], disse Descartes, vem do fato de que ele foi primeiramente uma criança. E, com efeito, as escolhas infelizes que a maioria dos homens faz só podem ser explicadas por que foram operadas a partir da infância. O que caracteriza a situação da criança é que ela se encontra lançada num universo que ela não contribuiu para constituir, que foi moldado sem ela e que lhe aparece como um absoluto ao qual só pode submeter-se; aos seus olhos, as invenções humanas: as palavras, os

costumes, os valores são fatos dados, inelutáveis como o céu e as árvores [...]. (BEAUVOIR, 2005, p. 35)

O mundo, aqui sempre entendido como sociedade, impõe às crianças significações prontas. A partir da educação dos pais e da sociedade como um todo (BEAUVOIR, 2016a, p. 24), tanto meninas quanto meninos são invariavelmente ensinados que cada sexo tem um papel delimitado a cumprir. Aos meninos cabe a “existência como livre movimento para o mundo” (BEAUVOIR, 2016a, p. 24), ao passo que as meninas experienciam a existência como a privação da autonomia. Ensinada a sempre querer corresponder às exigências sociais, a encapsular-se como objeto, a menina aprende a recursar a si mesma a fim de se iniciar como projeto de mulher já na infância.

O simbolismo tem grande mérito na criação dos valores que fundam a alteridade feminina como absoluta. Considerando a tendência do sujeito para a alienação⁷, na qual ele busca a si mesmo nas coisas como uma fuga da sua própria autenticidade, para o menino a apreensão do próprio pênis surge como símbolo de poder, orgulho e privilégio masculino e o torna o seu próprio sexo, isto é, ele aliena-se em seu corpo biológico para afirmar-se como sujeito. O

⁷ “Os primitivos alienam-se no mana, no totem; os civilizados em sua alma individual, em seu eu, em seu nome, em sua propriedade, em sua obra: é a primeira tentação da inautenticidade.” (BEAUVOIR, 2016a, p. 77).

falo é o seu alter ego e confere legitimidade a sua existência transcendente.

Privada desse *alter ego*, a menina não se aliena numa coisa apreensível, não se recupera; em consequência, ela é levada a fazer-se inteira objeto, a pôr-se como o Outro; a questão de saber se se comparou ou não aos meninos é secundária; o importante é que, mesmo não conhecida por ela, a ausência do pênis a impede de se tornar presente a si própria enquanto sexo; disso resultarão muitas consequências. Mas essas constantes que assinalamos não definem entretanto um destino: o falo assume tão grande valor porque simboliza uma soberania que se realiza em outros campos. (BEAUVOIR, 2016a, p. 77)

Nessa passagem, Beauvoir afirma que a falta do pênis enquanto símbolo de soberania barra a alienação feminina de se tornar algo que afirme a menina como sujeito. Beauvoir faz uma importante analogia entre o pênis e a transcendência (BEAUVOIR, 2016b, p. 22): o primeiro se torna símbolo da segunda porque é um órgão que se projeta para fora, como algo que é outra coisa que não si mesmo, ao mesmo tempo em que continua sendo corpo, um alter ego dentro de si. A autonomia do sujeito masculino, portanto, encontra-se encarnada em seu órgão genital, ao passo que a menina “não pode encarnar-se em nenhuma parte de si mesma” (BEAUVOIR, 2016b, p. 23), pois experencia seu corpo como um mistério em vez de fonte simbólica dessa autonomia.

Como bem aponta Beauvoir, é na sociedade que se articula a hierarquia entre os sexos. Se o pênis possui um valor tido como

intrínseco, é porque assim foi estabelecido, afinal, “é só no seio da situação apreendida em sua totalidade que o privilégio anatômico cria um verdadeiro privilégio humano (BEAUVOIR, 2016a, p. 78). Desse modo, o pênis é aquilo que diferencia os sexos e confere primazia ao masculino, colocando em segundo lugar os indivíduos que não o possuem. Para a menina, o processo de alienação tem início a partir de um objeto passivo fora de si, a boneca. Ela a enfeita e a embala assim como deseja ser enfeitada e embalada (BEAUVOIR, 2016b, 23). Para Beauvoir, meninas e meninos podem buscar a si mesmos em outras coisas que não somente bonecas e o pênis, respectivamente, mas “é na forma global de suas vidas que cada elemento – pênis, boneca – assume sua importância” (BEAUVOIR 2016b, p. 24).

Se na infância, a menina experiencia a privação, Beauvoir afirma que é na puberdade que a adolescente vivenciará sua existência como mácula (BEAUVOIR, 2016b, p. 74). É somente nessa fase que a realidade concreta de ser mulher aparece como experiência vivida e consciente. O jovem do sexo masculino é estimulado pelas condutas conquistadoras, de desafio, através das quais provoca o mundo e se autoafirma, negando qualquer possibilidade de ser reduzido a um objeto passivo. Para Beauvoir, a violência é prova da auto adesão do sujeito no mundo (BEAUVOIR, 2016b, p. 78), porque é a exteriorização da afirmação das próprias

vontades, das paixões. Desse modo, o jovem inscreve a sua marca no mundo com violência, é ensinado a dominá-lo, a jovem “não faz senão suportá-lo” (BEAUVOIR, 2016b, p. 79), é forçada a aceitar passivamente o mundo estabelecido pelos homens.

[...] Observou-se muitas vezes que a partir da puberdade a jovem perde terreno nos domínios intelectuais e artísticos. Há muitas razões para isso. Uma das mais frequentes está em que a adolescente não encontra em volta de si os incentivos que oferecem a seus irmãos; ao contrário: querem que ela seja também uma mulher, e para isso é preciso acumular tarefas de seu trabalho profissional com as que sua feminilidade implica. (BEAUVOIR, 2016b, p. 81)

Através da figura da mãe, a jovem apreende a feminilidade como valor desejável ao seu sexo. Portar-se de maneira pré-definida, dentro dos limites esperados para uma mulher; cuidar de crianças e dos outros; realizar tarefas domésticas; ser preparada para o casamento e para a maternidade, ter repulsa ao próprio corpo e à menstruação; sentir que, ao contrário dos homens, ela não é seu corpo, essas são todas características inerentes à experiência da iniciação à feminilidade. Com esse “controle de si” (BEAUVOIR, 2016b, p. 82), Beauvoir considera que se mata a espontaneidade. As mulheres aprendem que “para agradar é preciso abdicar” (BEAUVOIR, 2016b, p. 83): abdicar de si mesmas como indivíduos fundados em uma liberdade autônoma e de suas vontades humanas.

É pelo casamento que a mulher, já adulta, vive o destino que a sociedade a ela impõe (BEAUVOIR, 2016b, p. 185), e com a maternidade concretiza seu destino fisiológico (BEAUVOIR, 2016b, p. 279). Em ambas as situações, a mulher coloca em prática aquilo que lhe foi desde a infância ensinado: a ser para o outro, nunca para si. No casamento, dedica-se ao marido; se trabalha fora, cumpre uma dupla jornada conciliando o trabalho profissional com o doméstico, esse atribuído inerentemente ao seu sexo. Com a maternidade, o cuidado com os filhos, também tido como inerente ao sexo feminino, soma-se ao papel de esposa.

Comer, dormir, limpar..., os anos não escalam mais o céu, espalham-se idênticos e cinzentos sobre uma toalha horizontal; cada novo dia imita o dia precedente; é eterno presente inútil e sem esperança. [...] lavar, passar, varrer, descobrir os flocos de poeira escondidos sob a noite dos armários, é recusar a vida, embora detendo a morte: pois num só movimento o tempo cria e destrói; a dona de casa só lhe apreende o aspecto negativo. Sua atitude é maniqueísta. A característica do maniqueísmo não é somente reconhecer dois princípios, um bom e outro mau: é afirmar que o bem se alcança pela abolição do mal e não através de um movimento positivo. (BEAUVOIR, 2016b, p. 224-225.)

Beauvoir reforça o caráter repetitivo e imanente da vida doméstica. A dona de casa em suas atividades negativas não constrói coisa alguma em sentido existencial, somente evita (a sujeira, a bagunça) em um esforço eterno. O ambiente doméstico não deixa possibilidade de ações positivas em direção ao futuro, é prostrada

em um lugar imutável que a dona de casa – mãe e esposa – “não é chamada a edificar um mundo melhor” (BEAUVOIR, 2016b, p. 225).

Reduzido à pura facticidade de sua presença, fixado em sua imanência, apartado de seu futuro, privado de sua transcendência e do mundo que essa transcendência desvela, um homem [ser humano] não aparece mais senão como uma coisa entre as coisas, que podemos subtrair da coletividade das outras coisas sem que sua ausência deixe sobre a terra qualquer traço. (BEAUVOIR, 2005, p. 83-84)

Sendo assim, a negação da liberdade, não como má-fé, mas como opressão, resulta na atribuição do aspecto de coisa à mulher. São as coisas que se apresentam como imanentes, sem projetos e possibilidade de transcender.

5. Considerações finais

Com uma abordagem fenomenológico-existencial, Simone de Beauvoir trata da situação da mulher no mundo enquanto ausência de liberdade ontológica, isto é, como imanência. Vimos que para a filósofa, o ser humano não possui essência pré-definida: é a partir de seu surgimento no mundo que as possibilidades de ser a ele se mostram; ele funda seu projeto e o valida ao escolher dentre essas possibilidades. No entanto, as possibilidades não são as mesmas para

todos os indivíduos, elas aumentarão ou diminuirão de acordo com a situação.

Sendo assim, a imanência pode se afirmar ou em um contexto de consentimento, considerada uma má-fé, quando o ser humano não se quer livre, ou pela opressão. A situação da mulher se definiu através dessa última. Inicialmente oprimida em função de seu sexo, por meio da ideia de fragilidade e inferioridade inerentes, é por meio do conceito de alteridade absoluta - isto é, a mulher não é compreendida como sujeito, apenas como O Outro em relação ao homem - que podemos entender como a mulher vivencia sua opressão na realidade concreta. Definida pela sociedade como aquela que não é o homem, sempre considerada em um sentido negativo em relação a ele, ela nunca é afirmação de si, pois é reconhecida como um objeto sem atuação no mundo.

Enquanto o corpo masculino é um instrumento para a apreensão do mundo, através dele o homem se afirma como sujeito, a mulher é, por um lado, distanciada de seu corpo, por outro, definida por sua função reprodutiva; conseqüentemente, ela é impedida de apreender o mundo de modo autônomo. Na infância, a menina inicia-se como um projeto de mulher, enquanto aos meninos é permitido que sejam apenas crianças, que explorem suas características humanas valoradas pela sociedade como melhores e inerentemente masculinas, e aprendem que ser menino é diferente de ser menina,

não analiticamente pela ideia de que ambos os sexos são realidades biológicas distintas, como afirma Beauvoir, mas de modo a naturalizar as diferenças sexuais, cujas supostas essências se contrapõem como polos irreconciliáveis e hierarquizados.

Essa hierarquização dos sexos foi um movimento que objetivou a dominação do sexo feminino pelo masculino. Vê-se, portanto, que para Beauvoir os papéis atribuídos aos sexos foram construídos e naturalizados. Para ser o que Beauvoir chama de “verdadeira mulher”, um produto artificial fabricado pela civilização (BEAUVOIR, 2016b, p. 165), exige-se que certas condições de feminilidade sejam alcançadas. Não raro, observamos situações nas quais uma mulher fora dos padrões de feminilidade é acusada de querer ser um homem⁸.

Desse modo, a situação da mulher se definiu, primeiramente, por sua condição de alteridade absoluta e desigual, a partir de seu sexo. Disso, a existência feminina adquiriu artificialmente um caráter imanente. Sendo a existência do ser humano justificada pela liberdade e sendo essa a condição original para aquela (BEAUVOIR, 2005, p. 26), o problema encontra-se na existência feminina privada da liberdade no sentido beauvoiriano. Beauvoir considera que a mulher foi impedida de ter sua existência afirmada

⁸ Beauvoir fala sobre isso no capítulo “A Lésbica” em *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*.

com total potencialidade de possibilidades através da aculturação de atividades e comportamentos que podem ser definidos como imanentes, aqueles cuja subjetividade e intenção de futuro do sujeito não entram em ação. A liberdade requer engajamento contínuo. Historicamente, vê-se que a feminilidade, as funções domésticas, o casamento heterossexual e a maternidade foram empurrados arbitrariamente para a mulher⁹, fazendo desses, em vez de escolhas, papéis compulsórios, subvalorizados e limitadores da existência enquanto liberdade autônoma.

Referências

ANDREW, Barbara. Beauvoir's place in philosophical thought. In CARD, C. *The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir*. New York: Cambridge University Press, 2003, p. 24–44.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016a.

⁹ “Não seria possível obrigar diretamente uma mulher a parir: tudo o que se pode fazer é encerrá-la dentro de situações em que a maternidade é a única saída; a lei ou os costumes impõem-lhe o casamento, proíbem as medidas anticoncepcionais, o aborto e o divórcio.” (BEAUVOIR, 2016a, p. 89).

_____. *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016b.

_____. *Por uma moral da ambiguidade*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.

HEINÄMAA, Sara. *Toward a phenomenology of sexual difference: Husserl, Merleau-Ponty, Beauvoir*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.

JOHANSON, Izilda. Moral da ambiguidade, liberdade e libertação: Filosofia e feminismo em Simone de Beauvoir. In: *Ethic@: Revista internacional de filosofia da moral*. Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 239 – 257, dez. 2018.

Data de registro: 16/09/2020

Data de aceite: 07/01/2021